

LUCI VASQUEZ VIDAL

VIVENDO
UM
CHAMADO

Quando dizemos sim para Deus

Conheci a missionária Luci Vidal em maio de 1980, no Instituto Bíblico Betel Brasileiro, em João Pessoa, e sempre a considerei uma mulher de Deus, com fé inabalável e uma disposição sem igual para servir na obra. Impressionou-me sua fidelidade e submissão à sua diretora.

A leitura deste livro é obrigatória para pastores e líderes evangélicos, porque encontrarão ensinamentos essenciais à vida cristã que se perderam no caminho da modernidade, como o culto familiar, a atenção especial que as crianças precisam receber na igreja e a obrigatoriedade da vida de santidade que os jovens devem viver no seu dia a dia para ter uma vida vitoriosa e de testemunho fiel.

Posso dizer com toda liberdade, para a glória de nosso Deus: “A missionária Luci até aqui andou com Deus”.

DR. CESAR A. RUIZ

Professor universitário,
consultor de empresa privada



Conheci primeiro as histórias impactantes e inspiradoras que cercavam a vida da missionária Luci Vidal por meio de minha esposa, a missionária Zilca Bezerra, contemporânea dela no Instituto Bíblico Betel Brasileiro. E, como pastor e membro da Assembleia Geral dessa instituição, conheci as aldeias indígenas nas quais Luci havia trabalhado como missionária.

Ao ler o livro *Vivendo um chamado*, pude entender as razões de tamanha ousadia, graça e submissão a Deus na vida dessa jovem serva do Senhor, demonstradas nos lugares por onde ela passou. Primeiramente, pela formação moral e espiritual que recebeu de sua família e também pelas experiências pessoais com Deus desde criança, em oração e amor à Palavra.

A leitura deste livro é inspiradora para pais e mães, pelo modelo de criação de filhos conforme o padrão de Deus; para jovens cristãos, porque os ensina a passar pelos ciclos da vida em intimidade com Deus; para todos nós, porque nos ensina como o verdadeiro cristão deve tratar as missões.

AMÉRICO DE SOUZA

Pastor, psicólogo, escritor



É importante ler o livro da missionária Luci porque ela se concentra na convicção de seu chamado, que a fortaleceu em meio às dificuldades que enfrentou no campo missionário. Seu ministério pode ser dividido em duas fases: uma no Brasil e outra no exterior. Foram experiências diferentes, mas em todas podemos ver a mão do Senhor guiando sua vida. Graças a Deus, a irmã Luci continua trabalhando alegremente no Reino.

JOSÉ ALVES DA SILVA

Pastor e professor de teologia

Uma jovem dos anos de 1960 criou novos sentidos para viver os anos rebeldes. Ela preferiu atender ao chamado missionário a ceder ao apelo dos movimentos culturais da juventude e, na contramão da história, seguindo a contracultura cristã, firmou as bases de sua trajetória. As evidências de que Luci Vidal viveu essa contracultura estão em cada capítulo deste livro. Os aspectos singulares da vida dessa missionária demonstram que é possível alguém permanecer em plena comunhão com o Criador em situações políticas adversas e em tempos de quebra de tradições, de tabus e de criação de novos paradigmas. Com firmeza de caráter, a autora revela que é possível seguir em ambientes culturalmente diferentes e economicamente elevados os ensinamentos legados dos pais, da igreja e do seminário. Por ter pautado sua história no projeto de Deus para a salvação das nações, ela fez a diferença por onde passou. Essa vida se realizou, porém, temperada com jejuns, orações e renúncias, como se pode ler nos relatos das múltiplas vivências culturais que a colocaram tanto diante da dimensão humana quanto da divina em contextos de recursos materiais modestos e de ausência de infraestrutura básica à sobrevivência. Você conhecerá a mulher, a evangelizadora, a educadora cristã, a professora alfabetizadora e a cidadã Luci mais de perto. Também verá parte da cartografia missionária do nordeste brasileiro, os lugares de apoio e as igrejas colaboradoras do ministério que ela construiu. São trajetórias acompanhadas de nomes, rostos, ataques, sons e gestos de pessoas que a acompanharam. Tudo sempre muito bem “amarrado” pela concepção de história da autora: Deus está no controle de tudo!

CATARINA MARIA COSTA SANTOS

Professora e historiadora



Luci Vidal faz parte da história do Betel Brasileiro em seus primórdios. Foi missionária na aldeia indígena Potiguara, onde realizou um trabalho relevante, evangelístico e social, além de discipular duas jovens índias convertidas ao evangelho, que foram enviadas ao seminário e se tornaram missionárias e educadoras cristãs atuantes no meio de seu povo até os dias atuais. Quando voltou da aldeia, Luci foi professora de matérias bíblicas no Betel, liderou o Ministério Vida, quando viajou por todo o Brasil edificando a igreja brasileira e despertando vocações, e dirigiu o internato como guia e mentora espiritual das alunas. Depois foi enviada por Deus ao Japão, onde estruturou uma igreja betelina em Suzuka. Ali despertou muitos jovens para o sagrado ministério, que hoje são obreiros, e fundou um núcleo missionário em Ueno (atual Iga). Atuou na Itália e na Alemanha, sempre com muito ardor missionário e fervor espiritual. Sua vida, ministério, caráter cristão e visão do Reino de Deus são um legado riquíssimo para a atual geração de obreiros cristãos. Atualmente, ela serve ao Senhor na Assembleia de Deus no Rio de Janeiro. Vale a pena conhecer o histórico ministerial da missionária Luci, que faz parte da história do Betel e das missões no Brasil.

EDMUNDO JORDÃO DE VASCONCELOS NETO
Pastor e presidente do Instituto Bíblico Betel Brasileiro

Falar da missionária Luci é fácil, porque convivíamos 24 horas no seminário, pelo fato de ela ser a diretora do internato a partir de meu segundo ano. Ela havia chegado da aldeia Potiguara, onde fizera um trabalho relevante. Por sua influência, duas irmãs índias, Ivonete e Marilene, vieram cursar o ginásio e o seminário.

No internato, Luci era zelosa quanto ao viver na casa de Deus — temor e arrependimento era sua mensagem para nós. Obediência era o caminho da bênção. Gostávamos de ouvi-la em sala de aula quando nos ministrava homilética e educação religiosa. Suas experiências do campo nos inspiravam. Mesmo sendo uma autoridade a quem respeitávamos, ela nos procurava para conversar, tanto para falar de nós quanto para falar dela. Do horário de acordar até a hora de dormir, ela passava em revista a casa de Deus e as alunas para ver se estava tudo bem.

Durante dois anos, viajei com o jogral, hoje Ministério Vida. Fizemos viagens do Pará ao Rio Grande do Sul, que duravam até dois meses num micro-ônibus, e visitávamos grandes igrejas, que nos queriam ouvir. Na hora de sermos distribuídas para dormir nas casas dos irmãos, não havia diferença: ela ficava nas mesmas casas. Se éramos hospedadas em algum colégio, ela agia da mesma forma. Numa dessas ocasiões, num colégio, ela ficaria sem colchão se as alunas não tivessem achado uma forma de lhe ceder um.

Aonde íamos com o Ministério Vida, as igrejas e os pastores lhe tinham respeito. Realmente, ela começou a desenvolver seu ministério ainda muito jovem, mas o fez com excelência e para a glória de Deus.

ANA MARIA DIAS JORDÃO

Missionária e educadora



A missionária Luci Vidal foi um instrumento para despertar ou confirmar a vocação missionária de um número incontável de jovens através dos anos, inclusive da minha. Seu foco irredutível no objetivo de ver vidas salvas pelo poder do evangelho foi um fator motivador significativo na vida daqueles que conviveram com ela, seja no campo missionário, seja nas viagens com os alunos, seja no dia a dia do seminário teológico. Neste livro que você tem em mãos, irá encontrar histórias cativantes, dramáticas e até engraçadas relacionadas com os desafios do compromisso com a obra missionária e, ao mesmo tempo, com a certeza de que Deus é fiel e vale a pena viver para sua glória.

JORGE I. NODA

Pastor, professor e escritor

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	9
<i>Introdução</i>	11
1 Um chamado irresistível	13
2 Preparo teológico-missionário	25
3 Vivendo numa aldeia indígena	41
4 Cotidiano na aldeia	47
5 Aflições e livramentos	57
6 Milagres na aldeia	65
7 Libertação espiritual	69
8 Fazendo discípulos	77
9 De volta ao seminário	81
10 Na direção do internato feminino	85
11 Na coordenação de estágios	95
12 Atuação no Ministério Vida	105
13 Outra decisão importante	119
14 Um ano na Itália e na Inglaterra	123
15 Primeira viagem ao Japão	135
16 Novas oportunidades de trabalho	137
17 E as portas do Japão se abrem novamente	141
18 Ministério no Japão	145
19 Outras experiências missionárias transculturais	157
20 Hinos e versículos selecionados	163
<i>Meus dias atuais</i>	167
<i>Posfácio</i>	171

PREFÁCIO

Congratulo-me com a iniciativa da missionária Luci Vidal de escrever suas experiências. Registrar os feitos de Deus glorifica seu nome e confirma o agir do Senhor na história do Betel Brasileiro, a qual se entrelaça com sua vocação.

Conheci e convivi com Luci alguns anos no seminário, em João Pessoa. Eu era coordenadora acadêmica e ela diretora do internato. Por ser uma pessoa muito conversadora, costumava compartilhar as ações de Deus em sua jornada cristã. Assim, presenciamos a graça divina em suas multiformas operando em sua vida. Suas experiências revelam o exercício dos dons que o Senhor lhe conferiu: sabedoria para tratar as alunas em formação, ardor evangelístico que a tornava uma “pescadora” de vidas, persistência e zelo no discipulado. Aonde quer que ela fosse, vidas eram salvas e igrejas eram edificadas.

Os frutos do ministério de Luci estão em várias partes do Brasil e do mundo. Eles não podem ser computados, mas certamente, na eternidade, o Senhor lhe coroará pelo frutífero trabalho realizado por mais de quatro décadas.

Destaca-se na vida de Luci um compromisso sério com sua vocação e um espírito de obediência ao Senhor. Na vida comunitária do Betel

Brasileiro, todos admiravam sua prontidão em atender dona Lídia Almeida, sem nunca dizer não. Sem medir esforços, entregava-se ao serviço de sua função no internato, ao trabalho missionário nos finais de semana e às viagens com o Jogral (Ministério Vida) por todo o Brasil, até mesmo durante suas férias. Era uma dedicação exclusiva, em constante renúncia e sacrifício pelo avanço do evangelho por meio da obra betelina.

O Betel Brasileiro, que comemora neste ano seu cinquentenário, reconhece que a missionária Luci construiu parte dessa história e marcou a instituição com sua vida e missão.

Boa leitura!

DURVALINA B. BEZERRA

Diretora do Seminário Betel Brasileiro em São Paulo
e coordenadora geral do ensino do Betel Brasileiro

INTRODUÇÃO

Fui motivada a escrever minhas experiências a fim de deixar registrado um pouco do que Deus realizou por meio de um chamado, que contou com o apoio da família, de intercessores e de mantenedores que com fidelidade ao Senhor participaram comigo na obra missionária.

Foi gratificante recordar minhas experiências no campo missionário, pois renovou minha fé, e cada detalhe lembrado me encheu de alegria. Estou certa de que foi o Espírito Santo quem me trouxe à memória todos os fatos revividos neste livro, pois nunca tive o hábito de escrever no meu dia a dia.

Mesmo assim, o desejo de registrar essas experiências foi amadurecendo ao longo do tempo, pois, ao término de minhas pregações e palestras, sempre acompanhadas de testemunhos, os amigos e irmãos em Cristo me procuravam para saber se eu “tinha algum livro”.

Uma vez que meu chamado aconteceu muito cedo, conto minha história desde a infância, também com o propósito de ressaltar a influência de meu lar e da escola dominical em minha decisão de abraçar a obra missionária. Falo de minha adolescência, marcada pelo aprendizado espiritual com mulheres simples de minha igreja, mas que tinham uma vida de oração. Recordo ainda a juventude de preparo e dedicação ao ministério, que envolveu renúncia e submissão à vontade de Deus.

O leitor encontrará nestas páginas situações vividas em diferentes culturas e lugares para onde aprouve ao Senhor me enviar. Fiz estes registros

para que o leitor conheça as variadas maneiras pelas quais Deus pode realizar sua obra quando nos entregamos a ele.

Expresso o desejo de que todos os que lerem as experiências aqui relatadas tenham sua fé fortalecida. Tenho a esperança de que muitos, após tomar conhecimento das lutas enfrentadas por aqueles que se dispõem a cumprir o chamado divino para a obra missionária, sejam despertados a orar por eles e a contribuir financeiramente com a obra que não é deles, mas de Deus.

Por fim, escrevo com o propósito de glorificar a Deus e levar os leitores a exaltar seu nome pelas experiências e vitórias que ele por sua graça e misericórdia concede aos seus instrumentos mais humildes.

UM CHAMADO IRRESISTÍVEL

“Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi [...] para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (João 15.16; Romanos 12.2).

Nasci num lar evangélico, em outubro de 1951, filha de um casal de vida piedosa, Waldemiro Alves Vidal e Lenita Vasquez Vidal. A Bíblia era ensinada diariamente em nossa casa. Todos os dias, havia o culto doméstico, e desde os primeiros anos de nossa vida já participávamos orando e, às vezes, recitando versículos da Bíblia. Éramos seis homens e seis mulheres, e sou a quarta filha entre os doze irmãos.

Ao entardecer, sentávamos na cama do casal, e, enquanto minha mãe preparava o jantar, meu pai nos contava histórias bíblicas. Ele descrevia as belezas do céu de forma maravilhosa. Dizia que as ruas do céu são de ouro. Falava de um rio de águas tão claras que pareciam cristal e afirmava que iríamos ver aquelas águas. Ao descrever os muros de pedras preciosas, citava o nome de cada pedra. Como eu desejava ir para lá! As verdades eternas narradas de forma tão simples ficaram gravadas para sempre no meu coração.

Sempre que terminava uma história, meu pai nos perguntava se queríamos receber ao Senhor Jesus como Salvador. Mas certo dia ele se dirigiu diretamente a mim:

— Luci, você tem certeza da sua salvação?

— Tenho — respondi. Mas na realidade eu não tinha. E parece que ele percebeu minha insegurança quanto ao meu destino na eternidade, pois, com um olhar firme sobre mim, perguntou outra vez:

— Luci, você tem mesmo a certeza da sua salvação?

Naquele momento, olhei firme para ele também e respondi:

— Sim, eu tenho.

Daí em diante, uma alegria e uma convicção muito forte entraram em meu coração. Passei a ter certeza de minha salvação e nunca mais tive dúvida de que um dia vou morar no céu com Jesus. Penso que devia ter uns 6 anos de idade.

Meu pai era criança quando perdeu seus genitores. Ele contou que, ao retornar do enterro do pai (a mãe já era falecida), não sabia o que fazer nem para onde ir. Mas um tio o acolheu e o tranquilizou: “A partir de hoje, esta é a sua casa”. Ele ainda era muito pequeno e foi criado com rigidez. Sofreu muito, mas quando jovem conheceu a Jesus como Senhor e Salvador. Creio ser esse o motivo de ele sempre insistir em que precisávamos do Salvador. Costumava dizer também que um dia iria fazer uma viagem a um determinado lugar e não voltaria mais, porém os filhos que recebessem ao Senhor Jesus como Salvador poderiam fazer a mesma viagem, e assim todos se encontrariam lá. Mas aquele que não tomasse essa decisão iria para um lugar diferente e nunca mais veria o restante da família. Crescemos ouvindo isso e assim, um a um, fomos nos decidindo por Cristo ainda na infância.

A história de minha mãe não era muito diferente. Ela perdeu a mãe aos 6 anos de idade e aos 9 anos perdeu o pai. Foi criada pelo irmão mais velho. Ele e a esposa Guiomar, que conhecemos como tia Dina, assumiram a criação dos três irmãos menores.

Nesse meio-tempo, uma senhora chamada Virgínia tornou-se inquilina de meu tio. Ela era evangélica e começou a evangelizar minha mãe, que se converteu aos 11 anos de idade e mais tarde levou todos os seus irmãos a ouvir o evangelho e a ter uma experiência de conversão a Cristo. Eles se tornaram membros da Igreja Presbiteriana em Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro.

Aos 22 anos de idade, minha mãe casou-se com Waldemiro Alves Vidal, e toda a família se congregava numa igreja batista em Ipanema, na

Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Algum tempo depois, meus pais passaram a realizar cultos em nossa casa, na Estrada da Gávea, e ali se tornou uma igreja-filha da igreja em Ipanema. Meus pais eram muito dedicados ao trabalho do Senhor. Todos os domingos após o almoço, meu pai descansava um pouco e depois reunia os filhos e entregava um pacote de folhetos evangelísticos a cada um. Em seguida, pegava sua Bíblia e um pequeno órgão de fole e saía com todos nós para fazer cultos ao ar livre. Um jovem de nossa igreja, chamado Marçal, que sempre nos visitava, costumava nos acompanhar também.

O trabalho de evangelização durava a tarde inteira. Quando chegávamos a uma praça ou a um lugar apropriado para uma reunião, meu pai armava o órgão. Minha irmã mais velha, Lenir, que devia ter 11 ou 12 anos de idade, se assentava para tocar, minha mãe cantava e todos nós saíamos pela vizinhança distribuindo os folhetos e convidando as pessoas para se aproximar e ouvir a mensagem. Também convidávamos as pessoas para ir ao culto da noite em nossa igreja. Normalmente, fazíamos cultos em dois ou três lugares diferentes. Em seguida, voltávamos para casa e nos arrumávamos para o culto da noite, e toda a nossa família seguia junta para a igreja.

Quando chegávamos ao templo, cada um ia para seu departamento antes de todos se reunirem para o culto. Minha mãe nos colocava sentados no primeiro banco e ia ocupar seu lugar no coral. Meu pai, que era diácono, ficava envolvido em suas atividades. Nós, os filhos, participávamos do culto enquanto conseguíamos nos manter acordados, pois de certa hora em diante caíamos um no ombro do outro e ali ficávamos, adormecidos, até o final da reunião. Nossa casa era bem próxima do templo, por isso, ao término do culto, meu pai levava um a um os filhos no colo para casa e os colocava na cama para dormir. No dia seguinte, íamos cedo para a escola.

Ser missionária, um sonho de criança

Eu tinha 6 anos de idade quando minha professora da escola dominical, Maria do Carmo, me deu um versinho para eu recitar no Dia de Missões. Eu já estava aprendendo a ler e passei a semana com o papelzinho na mão. No sábado, Maria veio à minha casa para ensaiar comigo — ela passava na casa das crianças para ensinar a parte de cada uma no dia do programa.

Diante da professora e na ausência dela, cada vez que eu repetia as palavras rimadas no papel, sentia algo inexplicável dentro de mim. Estava despertando em meu interior o desejo de fazer a vontade de Deus em minha vida.

Na minha consciência infantil, limitei-me a repetir o versinho e me entreguei com uma oração simples e breve: “Quando eu crescer, quero ser missionária e servir ao Senhor durante toda a minha vida”. Todas as vezes que lia o versinho, ia para meu quarto, ajoelhava-me e fazia dele minha oração:

Ó Senhor, eu
Quero ser missionária
Para o meu Jesus servir.
Se não for lá no sertão,
Onde for eu quero ir.

Em seguida, eu cantava este corinho:

Quero ser um missionariozinho
E falar de Cristo ao companheirinho.
Posso trabalhar em outras terras.
Manda-me, pois, Senhor!

Era um corinho que eu iria cantar com outra coleguinha no Dia de Missões e que falava muito ao meu coração. Eu ficava meditando: “Quando será que vou para o campo missionário? Como vou fazer para chegar a um povo indígena?”. Isso era tudo, praticamente, o que eu sabia sobre missões, porque os missionários que passavam pela nossa igreja vinham quase todos de aldeias indígenas. Quando eles contavam suas experiências, eu ficava pensando no que poderia acontecer comigo se eu estivesse no meio de uma aldeia. Então pedia a Deus que me guardasse de todos os perigos aonde quer que me enviasse e me usasse na proclamação do evangelho.

No aguardado Dia de Missões, um calor subiu-me ao rosto e uma enorme alegria tomou conta de mim assim que me achei diante do templo. Quando chegou a vez de me apresentar, recitei o versinho em voz alta e com muita empolgação, porque tinha a forte convicção de que iria crescer para ser missionária. Foi um dia muito especial para mim, e aquele regozijo inexplicável prolongou-se por semanas.

Daí em diante, todos os corinhos sobre missões que cantávamos no departamento infantil me levavam a orar pelas crianças de vários países, para

que elas conhecessem ao Senhor Jesus e pudessem ser salvas do inferno. Eu dizia: “Ó Deus, se quiseres, estou pronta para ir e falar de Jesus a todas aquelas crianças”. Eu orava pelas crianças que viviam ao redor do mundo: Japão, Índia, África, Europa e assim por diante. Minhas orações eram inspiradas nas letras dos corinhos e nas historinhas que aprendia em classe.

Além de orar, comecei a ter o desejo de contar às pessoas que Jesus é o Salvador do mundo. Por isso, eu convidava as pessoas que conhecia para ir ao templo comigo, como Chiquinho e Marina, um casal sem filhos. Eu os convidava para ir à igreja sempre que havia uma conferência evangelística. Durante a mensagem, eu ficava orando pela salvação deles. Ambos eram naturais do Ceará, e no Rio de Janeiro eu era a única pessoa evangélica com quem eles tinham contato. Eles me amavam tanto quanto eu os amava. Por isso, além de convidá-los para ir à igreja, sempre orava por eles. Orava também pelas minhas professoras e por todos os meus parentes que ainda não eram crentes, nome por nome.

Certo dia, no colégio, a professora mandou fazer uma redação sobre a profissão que gostaríamos de ter quando crescêssemos. Eu tinha apenas 8 anos de idade e expressei meu chamado com tanta convicção que a professora pediu que mostrasse à minha mãe o que escrevi. Minha mãe leu a redação e não disse nada. Não era surpresa para ela. Já eu não entendia o porquê da admiração da professora. Só hoje compreendo aquela atitude. Mesmo não sendo evangélica, ela percebeu minha vocação missionária.

Eu tinha 9 anos de idade quando soube que haveria em nossa igreja uma palestra sobre missões para os jovens, proferida por uma missionária. Naquele dia, não fui para a classe das crianças. No final, a missionária fez um apelo repetindo várias vezes a passagem de Isaías: “A quem enviarei, e quem há de ir por nós?”. Mas ninguém se mostrava comovido. Toda vez que ela reforçava o apelo, ficava pensando: “Ah! Se ela fizesse esse apelo para as crianças, eu iria atender”. Ela insistiu por longo tempo, mas ninguém saiu do lugar. Ao chegar em casa, fui direto para meu quarto. Ainda triste pelo fato de a missionária não ter estendido o apelo às crianças, dobrei os joelhos ao lado da cama e, chorando, orei como o profeta: “Eis-me aqui, envia-me a mim”.

Fiz minha profissão pública de fé e me tornei membro da igreja onde minha família se congregava aos 11 anos de idade. Fui batizada no dia 24

de julho de 1963, uma data inesquecível pela alegria que entrou em meu coração no momento em que o pastor me imergiu nas águas. O desejo de fazer alguma coisa para Deus tornou-se mais forte. Então ingressei no coral da igreja e cantava todos os domingos à noite. Mais tarde, a convite da conselheira dos juniores, passei a presidir aquele departamento. Eu fazia tudo com dedicação e amor a Jesus. A conselheira, que era a esposa do pastor, ficou satisfeita com meu trabalho.

Uma adolescente consagrada ao Senhor

Já adolescente, pedia a Deus que me desse poder para pregar o evangelho e me usasse de acordo com seu plano para mim. Esse período coincidiu com a adesão de minha igreja à Renovação Espiritual, movimento que estava acontecendo em todo o Brasil, no meio de várias denominações evangélicas. Aquela visitação do Espírito Santo à igreja brasileira levou-me a descobrir o que eu precisava para ser produtiva na obra missionária e aos 14 anos de idade recebi a plenitude do Espírito que tanto almejava, uma experiência singular em minha vida.

Passei a frequentar as reuniões de oração, a fim de buscar o poder de Deus para minha vida. Não perdia vigílias, fosse na igreja, fosse na casa dos irmãos. Nos domingos em que a igreja passava o dia todo em jejum e oração, o que acontecia uma vez por mês, eu sempre estava lá. O pastor fazia outras campanhas de jejum. Jejuávamos durante a semana até ao meio-dia e no sábado o dia todo. Eu participava de todas, sempre pedindo a Deus que me usasse no campo missionário.

Uma irmã de nossa igreja, dona Maria Gomes, me convidava para acompanhá-la em visitas a pessoas que estavam frias na fé, doentes ou oprimidas. Já não me interessava pelas coisas normais de adolescente: queria apenas orar e visitar as pessoas necessitadas de salvação e de libertação. Gostava de orar por elas e sentia uma alegria imensa quando Deus me usava para abençoá-las com seus dons espirituais. Algumas ficavam cheias do Espírito Santo. Outras recebiam dons. Outras ainda eram curadas ou libertas. Desviados voltavam aos caminhos do Senhor e se reconciliavam com a igreja.

Assim, fui tendo minhas primeiras experiências de chamado missionário. Experimentava um crescimento espiritual e minha intimidade com o Senhor aumentava dia a dia, bem como o desejo de servi-lo.

Em casa, ajudava minha mãe nas tarefas domésticas e a cuidar de meus irmãos mais novos. Não era um peso para mim. Na verdade, tinha o hábito de cantar enquanto cumpria minhas tarefas.

Um dos hinos de que eu mais gostava era o 298 do *Cantor cristão*, “Estou pronto”. A letra me tocava profundamente. Quando cantava o verso “De ti meu sustento só dependerá”, orava: “Quero depender de ti, Senhor! Tenho a confiança de que nunca irá me faltar coisa alguma”. Orava com fé e tinha a plena confiança de que Deus iria me sustentar. Pedia ao Senhor que providenciasse mantenedores e expressava o desejo de pregar o evangelho com fidelidade aonde quer que fosse.

Também gostava muito do hino 296 do *Cantor cristão*, “Consagração”. Ao cantá-lo, aproveitava para consagrar ao serviço do Mestre tudo que Deus me deu: mãos, voz, lábios, pés, bens que viesse a possuir, desejos — enfim, nada ficava de fora. Por longo tempo, mantive o propósito de cantar esse hino pelo menos duas vezes ao dia.

Assim, enquanto cumpria meu dever de filha numa casa com tantos irmãos, experimentei momentos de profunda comunhão com Deus. As letras dos hinos eram orações a favor de minha vida e de meu trabalho no campo missionário. Em resumo, trabalho doméstico, atividades na igreja, hinos, orações e jejuns marcaram minha infância e adolescência.

Um momento histórico

O movimento chamado Renovação Espiritual surgiu na década de 1960, e espalhou-se por todo o Brasil. Até aquela época, a denominação evangélica que enfatizava a obra do Espírito Santo era a Assembleia de Deus, cujos membros eram chamados “pentecostais”. Havia um forte sentimento denominacional entre as igrejas do país, ou seja, cada denominação era fechada em si mesma. A Renovação Espiritual, no entanto, derrubou as altas barreiras denominacionais.

Um evento denominado Encontro Nacional de Renovação Espiritual passou a ser realizado anualmente e reunia os evangélicos que haviam aderido ao movimento. Os primeiros encontros aconteceram em Belo

Horizonte e depois começaram a ser realizados em outras capitais do Brasil: Recife, Porto Alegre, Belém e João Pessoa. Eles aconteceram nas décadas de 1960 e 1970. Os pastores Enéas Tognini e Rosivaldo de Araújo, entre outros líderes, estavam convictos desse mover do Espírito.

Embora fosse interdenominacional, o movimento acabou dando origem a várias outras denominações, algumas como desdobramentos das denominações históricas, como a Metodista Wesleyana, a Batista Nacional, a Presbiteriana Renovada e a Aliança Congregacional. Foi também nessa época que começaram a surgir seminários teológicos que aceitaram o ensinamento sobre o Espírito Santo tal qual era concebido pelos líderes da Renovação Espiritual. Entre eles, podemos citar o Seminário Teológico Evangélico do Brasil (STEB), de Belo Horizonte, e o Seminário Presbiteriano Renovado de Cianorte, no Paraná. O Instituto Bíblico Betel, de João Pessoa, também passou por uma transição sob a influência da Renovação Espiritual. Houve um impulso missionário notável.

Deus estava levantando jovens cheios do Espírito Santo em quase todos os estados do Brasil. Eles formavam grupos em suas igrejas e se dedicavam à evangelização nas ruas e nas casas noturnas. Também pregavam aos *hippies*¹ e aos que se envolviam com drogas, e foi assim que começaram a surgir as casas de recuperação para dependentes químicos. Em Goiânia, surgiu o Movimento Jovens Livres, que não só recuperou muitos jovens das drogas como os tornou obreiros do próprio movimento. Na Bahia, surgiu o grupo de jovens Cristo Verdade que Liberta. Em alguns estados do Brasil surgiram as casas de recuperação chamadas Desafio Jovem.

Os seminários evangélicos que davam ênfase ao ensino da Palavra no poder do Espírito treinavam os novos obreiros. Como resultado, a juventude do país levantou-se para atender a um ardente chamado para a obra missionária. Isso muito me influenciou e deu-me coragem para expor a chamada que eu guardava oculta no coração. Até então, eu mantinha em segredo todos aqueles anseios. Esperava em silêncio o cumprimento de tudo que Deus me falara desde a infância.

1 Os *hippies* aderiram um estilo de vida considerado *outsider*, pois consideravam o capitalismo e seu consumismo exacerbado e a política imperialista e bélica dos países alinhados com esse sistema a raiz de todos os conflitos mundiais, inclusive a Guerra do Vietnã. No Brasil, o movimento relacionava-se ao movimento mundial descrito pelo *slogan* “Faça amor, não faça guerra”.

Deixando tudo para seguir minha vocação

Quando cheguei à idade de trabalhar fora, arranjei um emprego numa joalheria conhecida internacionalmente. Tinha um bom salário e me sentia bem fazendo aquele trabalho. No entanto, estava sempre em oração, pois sabia que só estaria ali até a hora em que Deus permitisse.

Em minhas primeiras férias, no ano de 1968, participei do Encontro Nacional de Renovação Espiritual, em Belo Horizonte. Foi ali que Deus me fez entender que chegara o tempo de deixar tudo e começar a me preparar para a obra que ele havia planejado para mim.

Dali em diante, cada vez que se falava de missões minha alma palpitava. Meu desejo era deixar tudo e partir imediatamente para o campo missionário. As pregações que ouvia na igreja me chamavam à responsabilidade do mundo perdido. Antes disso, porém, era necessário esperar o fim do ano letivo, pedir demissão do trabalho e comunicar minha decisão à igreja e aos meus pais. Muita coisa ainda teria de ser processada até que eu pudesse sair para cumprir a Grande Comissão.

Foi o semestre mais longo de minha vida e o mais decisivo, pois estava diante de uma escolha que iria determinar a trajetória de todo o meu futuro. Eu sabia que era uma decisão irreversível. Mesmo sendo o que eu queria, assaltaram-me os temores de viver apenas por fé, de sair da casa de meus pais e deixar tudo e todos por uma convicção interior. Como Abraão, iria viver numa terra desconhecida por simples obediência a uma ordem divina. Meu futuro iria se descortinar aos poucos, no dia a dia, conforme Deus me revelasse.

Eu tinha consciência do que aquela resolução implicava. Estava renunciando à família e trocando os estudos, que iriam garantir minha carreira profissional, por um curso teológico. Enfim, estava rompendo com a vida secular a fim de viver uma vida de fé. Meu lado humano sentia a responsabilidade de tal compromisso, porém meu lado espiritual falava mais alto e me dizia que eu iria ganhar vidas para Cristo e que muitas pessoas seriam abençoadas em consequência daquela decisão. Era isso que me animava e até empolgava.

Muito cedo entendi que Deus tinha planos para minha vida, e havia chegado o momento de colocá-la em suas mãos, pois aqueles planos seriam

executados se houvesse obediência de minha parte. Temos liberdade para tomar o rumo que quisermos, mas nem sempre nossa escolha é a melhor e nem sempre atingimos com nossos esforços o alvo que gostaríamos de alcançar.

Um dos motivos de minha confiança em Deus quanto a cumprir seu propósito em mim foi o texto de Salmos 139.16: “Os teus olhos me viram a substância ainda informe, e no teu livro foram escritos todos os meus dias, cada um deles escrito e determinado, quando nem um deles havia ainda”. Assim, resolvi me liberar para Deus, a fim de que ele executasse o que estava escrito em seu livro a meu respeito.

Também deparei com esta frase do apóstolo Paulo: “Somos cabalmente conhecidos por Deus” (2Coríntios 5.11). Entendi que Deus me conhecia tão profundamente que eu podia confiar todo o meu futuro a ele. Por causa disso, resolvi entregar-me à sua direção. Foi uma entrega total, consciente que assim iria experimentar “a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Romanos 12.2).

Meu primeiro passo foi conversar com minha mãe. Contei a ela sobre meu chamado missionário e o desejo de seguir dali em diante nessa direção, por toda a minha vida.

O passo seguinte foi pedir demissão do emprego na joalheria. Minha chefe insistiu em que eu não saísse e quis saber por que eu havia tomado aquela decisão. Expliquei que iria estudar num seminário evangélico, e ela me ofereceu um horário que facilitasse meus estudos. Respondi que não era possível. Então ela me encaminhou ao departamento de pessoal para dar entrada no aviso prévio. A pessoa que me atendeu também me propôs certas facilidades para eu estudar e continuar no trabalho, mas mantive minha decisão.

Passados alguns dias, fui chamada pela minha chefe, e outra vez ela me perguntou o que poderia fazer para que eu continuasse trabalhando com eles. Então criei coragem e perguntei:

— A senhora conhece a história de Abraão, quando Deus lhe disse: “Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei”?

Ela era judia, por isso respondeu:

— Sim.

Continuei:

— Deus também tem falado comigo. Vou estudar em outra cidade e depois vou servir a ele no campo missionário.

— Compreendo você — disse ela. — Mas se em qualquer tempo quiser retornar ao trabalho aqui, pode voltar.

Agradei, porém, marquei a data para deixar a empresa. Finalmente, o dia chegou e, com tudo organizado, deixei minha casa e segui para o seminário a fim de me preparar para a obra de missões.

Eu era bem jovem, portanto nunca havia saído de casa. Minhas experiências foram todas vividas entre os familiares, na igreja onde nasci e fui criada, no colégio em que estudei e, nos últimos anos, em meu trabalho. Mas parti mesmo assim, a fim de chegar ao maior objetivo de minha vida: *cumprir a carreira que me estava proposta.*